

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***MARILENE GALDINO***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Campanha de Hanseníase em Belmonte e Barrolândia - Projeto Decit (IOC/COC) – Cluster nº 4

Entrevistado – Marilene Galdino (R)

Entrevistadores – Laurinda Rosa Maciel (E) e Maria Leide W. de Oliveira (E2)

Data – 02/08/2010

Local – Barrolândia/BA

Duração – 1h

Responsável pela transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Responsável pela conferência de fidelidade – Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

GALDINO, Marilene. *Marilene Galdino. Entrevista de história oral concedida ao projeto Campanha de Hanseníase em Belmonte e Barrolândia - Projeto Decit (IOC/COC) – Cluster nº 4*, 2010. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 39p.

Data: 02/08/2010

### Fita 1

E: Bem, nós estamos aqui em Barrolândia, eu Laurinda e a doutora Maria Leide. Hoje é dia 2 de agosto, e a gente está aqui com a Marilene. Marilene eu queria que você dissesse para gente qual é o seu nome todo, onde foi que você nasceu, quando foi que você nasceu.

R: Eu sou de Teófilo Antônio, nasci 3 de...

E: Minas Gerais, isso.

R: Nasci 3 de março de 1956.

E: Certo.

R: Aí, de lá, meus pais vieram para o interior da Bahia que é em Jucuruçu que é município de Itamaraju. Aí de Itamaraju foi que nós viemos para aqui, realmente porque o meu pai disse que tinha muita mata ele tinha que trabalhar, não é?

E: É.

E2: Isso foi quando?

R: Aí foi em 70.

E2: 1970.

R: É. Aí em 1970 que nós chegamos aqui. Aqui tudo era... Mas essas mangas que tem por aí tudo era mata, mata, mata.

E2: A mata era atlântica, bonita.

R: Era. Aí tinha muito caminhão que transportava madeira daqui para Eunápolis, daqui para...

E2: Que já existia serraria aqui?

R: Não, aí existiam só duas serrarias.

E: Duas serrarias.

R: É. Aí esses caminhões, tinha duas serrarias grandes em Eunápolis que na época não era cidade, não é? Era município de...

E2: Porto Seguro.

R: Era dividido, era metade Porto Seguro e a metade era Santa Cruz de Cabrália, Eunápolis, depois passou a ser distrito, não é? Depois cidade, que hoje é cidade de Eunápolis. Na época, Sessenta e Quatro, o nome do povoado era nome Sessenta e quatro.

E2: Aqui?

R: Eunápolis.

E2: Ah tá!

R: Aí aqui transportava essa madeira, eu me lembro bem de um nome da Serraria que era Depla.

E2: Depla... Depla é do Espírito Santo.

E: É. Ainda é?

E2: É. A maioria do pessoal que mexia com serraria daqui era do Espírito Santo. O povo aqui não conhecia desmatamento, não é? Aí veio através dele, e começaram o desmatamento. Aí depois quando veio uma serraria, veio, duas, veio três, veio quatro e aí começou. Aqui chegou uma época... Eu acho que 76, 75, 76, por aqui tinha 18 serrarias.

E: Nossa Senhora! Haja mata para desmatar, não é?

R: E aí começou, não é? Desmatamento, desmatando, desmatando, e aí... E aí nessa época de 18 serrarias tinha muito movimento de caminhão e de gente, não é?

R: É. Tinha muito. Mas não era muitão não. Hoje tem o triplo, não é?

E2: É. Porque hoje tem a Veracel, é outro movimento.

R: É.

E: Mas assim, era um movimento grande.

R: Era um movimento... Corria muito dinheiro, corria muito dinheiro porque o pessoal vendia muita madeira, e esse pessoal que vendia madeira era daqui mesmo, moravam por aqui, então era aí que corria muito dinheiro.

E: Você em 1970 quando você veio para cá você era adolescente, não é? Era pré-adolescente.

R: É. Em 73 eu me casei aqui em Barrolândia.

E2: Casou novinha, hein?

R: E aqui criei...

E: É. 17 anos.

E2: Nessa época você sabia de casos de hanseníase aqui, tinha algum caso?

R: Não, na época, a única pessoa que tinha aqui da área de saúde era as parteiras.

E2: Não tinha posto de saúde?

E e R: Não tinha nada. Nada, nada, nada.

R: Aí continua a história minha, não é? Aí em 75 eu tive o primeiro filho. Em 75, aí veio o segundo, o terceiro. Em 78 surgiu um curso de, na época era atendente rural, era do estado, e Belmonte era quem indicava as pessoas para fazer esse curso. Se passasse já saía de lá contratado, não é? Aí eu fui no meio. Foi tanto que eu saí daqui, as estradas por aqui eram horríveis, a gente não tinha muito acesso. Aí eu fui para Canavieiras, que era em Canavieiras, era seis meses o curso.

E2: Seis meses o curso de atendente?!

E: Nossa!

R: É, e a gente tinha que ficar lá.

E2: E você ficou lá?

E: Ficou lá seis meses?!

R: Fiquei seis meses.

E2: Só tinha prática então? Só tinha aula prática?

R: Não, lá tinha, a gente tomou foi tudo, aí lá era curso completo. É como se fosse hoje auxiliar, na época.

E2: Era Fundação SESP, não?

R: Não, era estado. Ah era sim! Era SESP, Fundação SESP.

E2: Era Fundação SESP. Porque eu estava achando esse curso muito rigoroso.

R: Era SESP.

E: Fundação SESP.

R: Era Fundação SESP.

E2: Então você fez o curso de atendente da Fundação SESP.

R: Foi.

E2: Ah, era um curso muito bom.

R: Aí eu fiz... Assim, aí nós fomos fazer as provas, não é? Foram parece que oito pessoas do município de Belmonte que atingia era Barrolândia, era boca do Corda, era Santa Maria, tinha de Belmonte, e aí só ficou eu. As outras perderam e só eu que passei. Aí eu fui indicada por um vereador que tinha aqui na época que era vereador de Belmonte, mas ele morava aqui em Barrolândia. Ele foi quem me indicou, que é até meu compadre. Então ele que me levou, e aí eu fiquei seis meses em Canavieiras, seis meses o estado dava bolsa para gente e tudo, não é? Aí eu passei, lá eu fiquei fazendo o curso, depois de seis meses eu já fui contratada. Foi na época... Eu não me lembro assim a data certinha. Eu sei bem que foi no dia 8 de agosto de 78 que eu fui contratada pelo estado. Aí vinha... Parece que não tinha eleição não, que era aquela coisa de...

E2: Na época era...

E: Era candidato biônico.

R: Era um negócio assim...

E2: Era ditadura militar...

R: Eu sei que foi Antônio Carlos Magalhães que seria no caso governador do estado naquela época.

E: Certo.

R: Como nós estávamos recém contratados, aí eu fiquei... Eu assinei o contrato e tudo aí vim para Barrolândia. Não tinha posto de saúde...

E2: E você fazia como?

R: Aí (risos) Não tinha posto de saúde, não tinha nada. Aí eu cheguei em Barrolândia aí eu disse: "Meu Deus, agora eu vou fazer o que, eu vou trabalhar aonde, se eu fui contratada? E como é que vai ficar?" Aí fiquei sem trabalhar.

R2: Boa tarde!

R: Boa tarde! Essa daí é Cleuza, é agente comunitária.

E: Oi Cleuza.

R: Aí eu fui contratada, aí vim para cá e tal, aí não tinha onde eu trabalhar...

E: Aí não tinha nem o espaço físico?

R: Nada.

E: Nem equipe, nada.

R: Aí eu...

E: Você era a única pessoa da cidade que tinha esse treinamento, essa coisa?

R: É. Aí tinha a promessa era de que o governador ia instalar postos de saúde em todos os municípios.

E: Os municípios.

R: Então eu já estava me preparando para trabalhar, só não tinha posto.

E: Só não tinha posto ainda. (risos)

R: É. Aí passou, passou, passou. Quando foi assim deu uns dois meses eu disse: “Não, mas eu vou ficar aqui eu vou terminar desaprendendo o que eu aprendi”. Aí lá no curso era só para a gente fazer injeção, pegar veia, essas coisas assim, fazer curativo. Só que aí como eu fui assim... Eu sempre fui mais jeitosa, sempre procurei ir mais a fundo, eu fiz uma amizade no hospital e lá no hospital nas minhas horas de folga eu não ficava de folga eu ia para o hospital.

E: Entendi.

R: Para aprender mais. Aí lá cheguei a aprender a ver as parturientes, ajudava os médicos, ficava ali auxiliando, assistia...

E: Você então saiu com uma formação maior ainda do que o recomendado pelo SESP.

R: Maior. Aí fiquei lá, final de semana eu não vinha para casa, eu ia para o hospital trabalhar. Aí quando eu cheguei eu disse: “Puxa, agora eu estou preparada para atender o povo de Barrolândia”. Porque a gente mais tinha que atender, eu tinha sido contratada para aquilo.

E: Claro.

R: Aí fiquei um mês, fiquei dois, fiquei três, nada. Aí em Belmonte tinha um posto de saúde que era onde fazia os atendimentos do estado, tinha dois médicos, dois auxiliares. Não existia vacina na época. Não tinha vacina...

E: Você sabe, Marilene, não te cortando, mas já cortando, como diz o Jô Soares, hoje de manhã a gente estava lá na biblioteca de Belmonte fazendo uma pesquisa do tipo um diário

oficial do município que tinha, esse posto foi inaugurado em 1941. Lá o posto de saúde de Belmonte.

R: Que é onde é o hospital hoje, não é?

E: Exatamente.

R: Ele era lá. Então o chefe do posto era doutor Jurandir. Aí ele chegou e me requisitou para Belmonte, porque Belmonte também tinha necessidade de funcionário porque lá só tinha uma funcionária.

E: Mas nessa época Barrolândia já pertencia a Belmonte, era o mesmo município.

R: É. Aí não mudava nada, não é?

E: Não mudava nada. Isso.

R: Era município de Belmonte. Aí doutor Jurandir como chefe do posto, aí ele me requisitou para Belmonte porque eu não tinha aqui onde trabalhar. Aí lá ele era chefe da Santa Casa da Misericórdia, lá só atendia parto.

R: Aí eu cheguei e disse: “Doutor Jurandir, então me mande para Santa Casa que eu vou trabalhar e o senhor vai...” Ele era assim uma pessoa muito dada. Ele era uma pessoa excelente. Hoje ele mora perto de Salvador. Eu disse: “Não, eu quero aprender, se o senhor quiser me ensinar eu quero aprender tudo”. Aí lá eu trabalhava, não tinha hora, era de manhã, era de tarde, de noite, mas eu vou te contar, quando eu sai de lá eu fazia parto sozinha, eu fazia episio, eu sabia quando a criança estava atravessada, quando estava certa. Oh, eu fazia sutura, tudo que se diz assim em pequenos atendimentos ele me ensinou. Eu fiquei lá um ano e pouco. Aí nada de posto para mim trabalhar.

R: Aqui em Barrolândia? Ainda não tinha sido criado um posto.

R: Aí eu vim para Barrolândia. Aí o que eu fazia, formei uma bolsa e eu atendia a domicílio.

E: Ah!

E2: Você já fazia saúde familiar.

E: Já.

E2: Saúde da Família...

E: Fazia Saúde da Família...

R: Sem ter o programa, não é?



E2: Que ano isso? Que ano isso Marilene?

R: Em 79... 78, 79.

E: em 79. Nossa!

R: É. Que foi em 78 que eu fui contratada, 9 de agosto de 78. E aí eu fazia esse atendimento.

E2: Aí você ficou conhecendo os casos de hanseníase da cidade?

R: Não, até aí não. Olhe bem, até aí não. Aí eu fiquei atendendo o pessoal, eu a tendia assim, tinha um curativo para fazer eu ia na casa, tinha injeção para aplicar eu ia na casa, tinha uma parturiente eu ia fazer o parto, aí lá mesmo eu fazia o parto na casa delas, eu dormia, eu ficava lá um dia, dois... (rindo)

E: Gente, até a moça ter o bebê?!

R: É. Aí lá sucessivamente. Depois na época de Antônio Carlos aí fizeram um postinho ali no fundo da igreja.

E2: Aquele que eu visitei com você em 2004?

R: Não. Você visitou já foi o novo.

E2: Já foi o novo.

R: Aí lá eles fizeram um postinho que é, eu não sei se vocês vão ter oportunidade, que é igualzinho um que tem em Santa Maria Penna. Era o mesmo modelo, então lá eles construíram aquele postinho. Aí lá eu fiquei atendendo injeção, curativo, quando tinha parturiente eu ia nas casas fazer parto. Aí pronto, aí me dediquei aquilo que aí, aí..

E2: E não apareceu caso de hanseníase nessa época?

R: Não, até aí não. Quando foi um tempo, que tinha uma senhora aqui na rua do... Na rua do Peixe...

E2: O Pedro me disse que aqui perto lá naquela casa azul mora um senhor que foi doente há 20 anos atrás, que agora voltou.

R: Não, ele ainda tem.

E2: Mas voltou a doença.

R: É ele não...

E2: Como que é o nome dele?

R: O nome dele meu Deus, agora não estou me lembrando...

E2: É antigo ele.

R: Chama ele de Nego. Ah, esqueci. Mas ele foi um caso assim mais recente, o primeiro caso... O primeiro caso...

E: Aí continua. Aí você ficava fazendo parto, atendendo, coisa e tal.

R: É. Aí se precisasse levar alguém para outros lugares eu ia... A gente pedia carro.

E: Isso.

R: Aqui só tinha uma pessoa que tinha um fusca, aí a gente pedia para ajudar. A gente deslocava daqui para Eunápolis, depois de Eunápolis ia para Itabuna...

E: (comenta sobre o galo “chatérrimo” que não para de cantar).

R: É. (rindo) Pra Itabuna e lá que vinham os socorros mais sofisticados, não é?

E: É.

R: Então eu fazia assim o serviço social e de agente comunitário, de parteira, de médico e de tudo. Eu nem me encontrava em casa, era difícil. Daí eu fiquei, eu digo: “Meu Deus, um dia eu ainda vou ter um lugar para mim atender esse povo todo, que aí vai todo mundo para lá e eu atendo todo mundo”. Aí apareceu dona Vitória, foi o primeiro caso de hanseníase que foi detectado em Barrolândia foi dona Vitória.

E2: Isso em 79, 80?

R: Isso já foi em 80. Aí dona Vitória... Eu nem conhecia ainda o que era hanseníase. Dona Vitória começou a passar mal e já estava assim um quadro bem avançado quando me chamaram para ir ver dona Vitória, ela já estava assim bem, um caso assim bem feio mesmo, os dedos dela já estavam assim... Já tinha boa parte necrosado...

E: Nossa!

R: Que ela não sentia mais nada.

E2: Ela tinha que idade?

R: Ah, ela tinha na época ela tinha uns 50 anos.

E: Gente!

E2: Dona Vitória era daqui?

R: Não, dona Vitória, eu não conheço bem a história dela não, mas ela não era daqui, ela era uma pessoa assim bem branca... Ela era mais para...

E: Será que ela era capixaba que veio junto com a serraria?

R: Não, porque o pessoal dela era de São Paulo.

E: É? Ah, que coisa!

R: Ela era de São Paulo.

E: Hum, hum. Provavelmente de São Paulo.

R: E o esposo dela se chamava seu Jovino, era dona Vitória e seu Jovino. E eles tinham um filho... Só um filho...

E2: Tem a ficha dela no posto?

R: Olha lá tinha tudo, mas depois houve uma mudança aí, o pessoal eu acho que jogou muita coisa fora, mas tinha tudo.

E: Tinha a ficha dela?

R: Tinha.

E: Ela tinha um filho que você estava falando...

R: É. Aí esse filho dela foi embora, não é? Foi nessa época que ela começou passar mal, e lá ficou só ela e o velho, que era o seu Jovino.

E: Está vivo seu Jovino?

R: Não, já morreu tem um tempo... Quando eu cheguei lá que eu cuidava da dona Vitória...

E: Talvez esse estado emocional... Maria Leide, talvez esse estado emocional isso afeta a doença ou não?

E2: Pode piorar a reação.

E: Pode piorar reação.

E2: Como ela estava avançada já não...

R: Pelo que eu conheci da hanseníase ela tem várias histórias que até hoje eu não, assim eu não chequei.

E2: Mas ela fez tratamento?

R: Não, aí dona Vitória não fez tratamento.

E2: Você cuidou dela sem tratamento?

R: Eu cuidava de dona Vitória como se fosse um...

E2: Sem saber o que ela tinha.

R: É, sem saber o que ela tinha.

E: Sem saber o que era... Que era hanseníase...

R: É.

E2: Vocês receberam aqui também? (risos) Adoidado.

R: Graças a Deus!

E: É.

R: Aí eu cuidava da dona Vitória, todo dia eu ia lá fazer curativo da dona Vitória. Todo dia eu ia lá, o meu material era esterilizado na panela de pressão, não sei se você já ouviu falar isso.

E: (risos)

R: Mas antigamente...

E2: Mas tinha uma panela só isso.

R: É. Eu tinha uma panela de pressão, aí o próprio estado já me mandava tipo um cuscuzeiro, aí colocava ali o material e botava tantos minutos na pressão e esterilizava. E eu trabalhava, aí eu tinha dois pacotinhos, porque não podia ter mais; eu esterilizava um hoje e outro ficava para amanhã, amanhã.... Hoje eu usava aquele, lavava, esterilizava, e usava o que estava lá guardado para amanhã. Eu só tinha dois.

E2: Mas nessa época de 1980, Belmonte tinha tratamento de hanseníase.

R: Não, ainda não. Aí olhe bem.

E: Não tinha.

R: Não tinha não.

E: Mal tinha posto de saúde Maria Leide que ela está falando...

E2: Posto de saúde tinha.

R: Não, tinha o posto de saúde, mas tinha...

E: Ah, Belmonte que você está falando, desculpa.

R: Antes hanseníase foi detectado os casos, mas não em 1980, entendeu?

E: Foi posterior.

R: Inclusive eu acompanhei um caso que foi até eu mesma que levei... Porque quando começou... A hanseníase foi tão engraçado como expandiu...

E2: E aí você começou a ver outros casos?

R: Foi. Aí dona Vitória...

E2: Porque dona Vitória para estar desse jeito que você fala ela já estava doente há uns 10 anos.

R: É. Aí dona Vitória começou com os dedos encolher, que é aqueles dedos de linguíça que a gente fala, ela começou a aparecer com aqueles nódulos grandes. Eu chegava lá um dia tinha dois, três, no outro dia já tinha outro tanto. E eu sei que alguém entrou em contato com o filho dela, de dona Vitória, aí levaram dona Vitória embora.

E: Para São Paulo.

E2: Para São Paulo.

E2: E lá fizeram o diagnóstico.

R: Aí levaram dona Vitória. Não, aí depois de muitos anos é que a gente veio analisar a situação da dona Vitória...

E2: Ela não voltou para cá?

E: Aí que você soube: “Eu estava tratando de hanseníase e não sabia”.

R: Hum, hum. E não sabia.

E: Você nunca mais soube dela?

R: Não, e aí ela foi embora. Aí eu sei que ela faleceu.

E: Hum, hum. Claro.

R: Ela não teve cura e ela faleceu, dona Vitória. Depois surgiu um caso em Belmonte, que eu não me lembro mais que ano foi... Surgiu um caso em Belmonte, e aí como assim o pessoal deixava muito assim, me chamava para ir levar porque eu tinha paciência, aquela coisa toda com pacientes, eu cheguei a levar o rapaz. Aí Eunápolis já estava tendo orientação, não era tratamento, era orientação. Que era doutor José e doutora Rosa. Aí Eunápolis já estava tendo assim...

E: Rosa, será Rosa Castália?

R: Não.

E2: Não. A Rosa nunca cuidou daqui.

E: Ah não? Ah tá!

R: A doutora Rosa era bem antiga. A doutora Rosa sabe, ela participou de todo o processo de hanseníase em Eunápolis, era ela e doutor José. Foram os primeiros...

E2: Não foram os primeiros que trabalhou não. Quem trabalhou em Teixeira foi a Eliana, Eliana de Paula.

E: Ah tá!

R: É. Eu acho que eu conheci.

E2: Uma negra, bonita assim...

R: Eu conheci. Então foi aí... Até aí não se sabe assim quantos casos tinha em Barrolândia. Foi através desse caso que aí surgiu o treinamento...

E2: Mas quando você levou esse caso... Então, quando você levou esse paciente lá em Eunápolis...

R: Em Eunápolis...

E2: Aí te falaram que aquilo era hanseníase.

R: Aí doutora Rosa mais doutor José começou a pesquisar, aí foi quando expandiu que aquilo seria hanseníase, em Eunápolis já tinha uns três casos...

E2: Daqui.

R: Não, de lá mesmo de Eunápolis. E aí foi juntando da região, parece que Cabrália também teve uns dois... Então, aí foi que doutora Rosa, era do estado, ela começou a ter contato com a secretaria de saúde e aí foi aí que descobriram que aquilo ali seria a hanseníase, tá. Mas até aí não tinha assim muita... Como que diz, não anunciava muito que tinha...

E2: Mas o paciente foi tratado aqui, voltou com remédio para tratar aqui?

R: Não, aí ele ficou em Belmonte.

E2: Ficou tratando em Belmonte?

R: Aí não tinha mais, para nós, a gente não tinha mais paciente de hanseníase, que era a dona Vitória, e a dona Vitória e foi embora.

E2: E esse ficou em Belmonte.

R: E esse era de Belmonte ficou em Belmonte, aí a doutora Rosa pediu que eu ficasse acompanhando ele. Aí eu fiquei acompanhando...

E: Esse caso.

E2: Ninguém mandou examinar a família?

R: Não, era... Menina era tão assim, se a gente contar as histórias da saúde...

E2: Mas já existia a recomendação para examinar a família nessa época.

R: Imagine você quando chegava aqui as informações a gente já tinha até curado os pacientes aqui, não é? (rindo)

E: É. Não, mas lá em Eunápolis eles poderiam ter dado...

E2: Não era nem cidade.

R: Não, lá era distrito de Cabrália. (Falam juntas)

E2: Era uma coisa desorganizada. Que era um pouco novo.

R: Era muito desorganizado, era muito, muito, muito. Aí foi que começou, a doutora Rosa parece que foi contratada, foi para Salvador fazer umas especializações nisso aí, veio, aí ela foi contratada para orientar a gente, fazer treinamento com a gente.

E: Entendi.

E2: Aí você foi treinada.

R: Aí eu fui treinada, fui para oitava... Comecei a fazer treinamento em Eunápolis, depois tudo quanto era treinamento de hanseníase eu ia.

E2: Ta. E aí o que você implantou aqui?

R: Aí ta, aí quando eu voltei, eu vi que eu tinha que fazer o quê? Tinha que pesquisar os pacientes de hanseníase.

E: Os casos daqui. É.

R: Aí quando eu cheguei aí eu trouxe o material tudo direitinho. Chegava as manchas eu já sabia o que fazia, fazia todos os testes que tinham que ser feitos. Acho que eu até já esqueci metade, mas era de mão, era de pé, era de orelha, de nariz...

E2: Fazia teste de sensibilidade.

R: Tudo.

E2: E quando você suspeitava de um caso como é que esse caso era orientado?

R: Aí eu diagnosticava todo para depois levar.

E2: Você levava para Belmonte: “Ó, esse aqui é um caso de hanseníase...

E: Para Eunápolis.

R: Eu levava para a doutora Rosa.

E2: Lá em Anápolis.

R: Em Belmonte não tinha não.

E2: Então os casos daqui, os primeiros casos daqui não foram para Belmonte.

R: Não. Foram para Eunápolis.

E2: Não foram para Belmonte, foram para Eunápolis.

E: É.

R: Foram para Eunápolis. E lá na secretaria de saúde tem um senhor, Luis... Ele não é, ele é fisioterapeuta, ele... acho que ele faz parte de uma Ong, não é?

E2: Ah, o Luis?! Você está falando do Luis, o fisioterapeuta de Salvador? O Luis Cláudio?

R: Sim.



E2: O Luis Cláudio era da secretaria estadual de saúde. É porque a AIFO deu recurso.

R: A AIFO É.

E2: Para trabalhar aqui.

R: Então, aí foi daí que Luis vinha a Eunápolis...

E2: Pelo projeto da AIFO.

R: Para dar treinamento para gente.

E2: Sei.

R: Aí eu comecei a participar. Aí como eu já estava assim ingressada no assunto eu comecei a buscar casos e tinha muito caso sem remédio.

E2: Então responsável pela epidemia daqui. (risos) Porque falou que começou a aparecer casos aqui de uma vez...

E: É.

E2: Você falou: “Começou a surgir casos de uma vez”. Era a Marilene que procurava os casos, as famílias.

R: Era.

E: Que fazia busca, não é?

R: E não era anunciado, até aí estava encubado.

E2: E porque que Eunápolis... Belmonte se conhece, porque ia tudo...

E: Porque ia tudo para se tratar em Eunápolis.

R: Belmonte já teve assim... Belmonte por ser cidade de Barrolândia, mas Belmonte já chegou no último caso. Belmonte nem sabia que tinha o índice de hanseníase que tinha em Barrolândia.

E2: Ficou sabendo depois da Veracel só?

R: Não. Foi antes. Aí eu sentia assim, uma época eu tinha assim parece que 10 casos de hanseníase.

E: Nossa!

R: Eu digo: “Meu Deus, esse negócio... Já estava muito. E cada caso que chegava, era um mais feio que o outro, aí aquelas orelhas tudo cheias de nódulos...”

E2: Parece que era tudo virchowiana.

R: Tudo virchowiana.

E2: Tudo aberto. Então facilitava novas infecções para o futuro.

E: Pois é.

R: Mas foi... Logo você vê, era... Mas era essa aí, era virchowiana que tinha aqui. Aí quando foi um dia eu tenho um cunhado que ele era membro da maçonaria. Aí eu falei assim: “O Walter a gente tem um problema sério de saúde em Barrolândia, mas a gente não sabe nem para quem pedir para poder anunciar isso, para ver qual é...”

E: A atitude que toma, não é?

R: A atitude que tem que tomar, essa coisa toda. Aí ele disse: “Ah tá! Eu vou levar esse caso para a maçonaria. E lá na maçonaria eu vou pedir aos irmãos que anunciem lá, que faça...”

E2: Maçonaria de Belmonte?

R: De Eunápolis, Belmonte até aí não sabia de nada.

E2: Tudo Eunápolis.

E: É.

R: Aí ele levou, aí foi de lá da maçonaria foi que surgiu, que Salvador aí começou a ser preocupar com Barrolândia, começaram a fazer pesquisa, viram que Barrolândia tinha o maior índice.

E2: Eu vim aqui em 2003, e 2004... Quando é que você tinha uma Kombi, que era vereadora... Não sei se já era...

R: Eu acho que era 2002.

E2: Não, não foi em 2002 não.

R: 2002 e 2003.

E2: 2003.

R: Em 2004 eu era vereadora? Acho que não. (risos) Então, foi a...

E: A maçonaria de Eunápolis.

R: A maçonaria de Eunápolis, a loja maçonaria de Eunápolis que foi anunciando e aí tomou o caso, tomou conta, na época, não é? Cuidou. Aí foi para Salvador e aí o Luis já começou...

E2: O Luis só chegou aqui em 80, o gerente estadual só chegou aqui em 80.

R: É. Aí o Luis começou...

E2: Mais de 80.

R: O Luis foi mais de 80. Acho que ele chegou aqui em 82, 83, por aí.

E2: Deve ter sido, porque o Luis, eu acho que o Luis só estava em... Eu acho que até mais viu...

R: Eu sei que ele demorou, mas antes disso eu tive treinamento com ele. Aonde tinha treinamento de hanseníase ele mandava me avisar, mandava me buscar, aí eu ia. Fui em Itabuna. Eu fui até em Senhor do Bonfim.

E2: Você conheceu o doutor Humberto Barreto?

R: Conheci em Itabuna, que era de Belmonte.

E2: Em Itabuna.

R: Hoje ele mora em Itabuna.

E2: Mas o Humberto já está teve atendimento aqui?

R: Não, aí ele veio depois. Aí essas histórias eu não me lembro...

E2: Que ano foi que o Humberto veio aqui? Ele veio aqui para ver, não foi?

R: Não, aí a Ceplac, aí tem a Ceplac.

E: Pois é, aí você estava falando da ajuda da...

R: Da maçonaria.

E: Da maçonaria e do quanto isso focou a atenção para cá para Barrolândia.

E2: Porque a maçonaria avisou a secretaria estadual de saúde.

R: É. E aí começaram a mobilização, não é? Depois como a gente tinha que ir a Ceplac que...não é? E na época tinha uns 100, 100 e pouco funcionários lá, aí a Ceplac, através do SESP, contactou com o doutor....

E3: Humberto do SESP.

R: Humberto, aí foi que doutor Humberto...

E2: E aí o Humberto falou para mim.

R: Entrou em contato comigo...

R2: Foi o Humberto que falou para mim.

E: Aí o doutor Humberto entrou em contato comigo, eu passei assim, eu tinha toda a relação e comecei, a gente começou a manter contato. Aí ele veio fazer atendimento na CEPLAC, veio fazer atendimento aqui, não foi uma nem duas vezes não, foram várias vezes que ele veio. E na CEPLAC também surgiram uns casos de funcionários, e foi aí que foi crescendo. Eu sei que eu cheguei... Quando assim a Veracel chegou... A Veracel não chegou assim naquele momento que Barrolândia precisava, daquela agonia toda, porque até hoje eu digo, eu não sei porque os casos que foram detectados nesse período agora, o pessoal a maioria tem reação, e naquela época eu que ia buscar o remédio, eu que acompanhava, fazia tudo, saravam mesmo, agora...

E2: Deixa eu te falar porque também, você falou que era tudo virchowiana, não é?

R: Era.

E2: Esses casos muito avançados... Você pegou as pessoas que eram mais os suscetíveis, você pegou a ponta do iceberg, assim... você pegou aqueles casos avançados que não fazem reação, por isso que a doença invade, porque eles não fazem reação, não tem sintomas, então não descobre que tem a doença no começo, quando vai descobrir já está muito mutilado e tudo o mais. Esses casos mais recentes têm mais reação, mas são casos mais iniciais e são casos de pessoas que só contraíram a doença porque tiveram muito contato. Eles tinham boa resistência, eles não eram tão suscetíveis como aqueles outros. Então primeiro adoce quem não tem resistência nenhuma, depois se isso rolou muito bacilo, aquelas pessoas que receberam o bacilo, como você, muita, muitas vezes podem adoecer, mas aí não faz daquela forma silenciosa. O organismo faz uma reação grande porque eles são resistentes mais ou menos, só adoeceram porque receberam muitos bacilos. Então fazem essa doença mais barulhenta, vamos dizer assim, com mais mancha, com mais mancha vermelha, com mais nervo doendo, esse tipo de coisa.

R: Então aí eu cheguei, eu cheguei até a ter 60 pacientes no posto.

E: 60 casos?!

R: 60.

E: Sem médico?

R: Sem médico.

E: 60 casos de hanseníase...

E2: 60 casos sem médico. Você ficou quantos anos no posto de saúde trabalhando?

R: Fiquei trabalhando?

E2: É.

R: 32 anos, vai fazer 33 anos.

E2: Não, mas no posto de saúde.

R: No posto de saúde.

E2: Toda a década de 70, década... Em 70, 71...

R: Não, eu fiquei de 78...

E2: Eu vim aqui em 2003, você estava na fase de entrar a primeira equipe de Saúde da Família e você estava se sentindo expulsa.

R: Isso.

E2: Não é isso?

R: Isso.

E2: Você trabalhou de 1978 a 2000 e...

R: 2003.

E: 2003.

R: Foi em 2003 que entrou um novo prefeito... Ele também não mexeu comigo não, só que ele não deixou mais eu trabalhar. Aí foi dali que eu tinha tudo lá... Sim, aí nessas histórias todas, quando o doutor Humberto veio, a gente fez os primeiros atendimentos, ainda foi lá no postinho, mas lá quando chovia a gente ficava numa canoa para passar para o posto, porque era água de lá no fundo da igreja católica.

E2: Eu lembro, que não era calçado...

R: Era lá. Aí eu formei a associação, aí comecei a trabalhar com essa associação. Aí eu tinha duas casas. Aí eu comprei esse terreno aqui e morava lá onde é o ponto de saúde, aí eu doei aquele lá para fazer o posto de saúde. E eu junto com a associação...

E2: Qual era a associação de moradores? Você era da associação de moradores, não é?

R: É. De moradores.

E2: Quando eu vim aqui você já era dessa associação de moradores.

R: Aí a gente criou o posto de saúde de lá.

E2: E aquele posto quem construiu aquele ponto?

R: Foi nós.

E2: Com dinheiro que vocês arrecadaram?

R: Já tinha a casa, não é? Já tinha a casa, porque a minha casa era grande, tinha quatro quartos, sala... Um bocado de coisa e tinha aquela área toda. Não, assim arrecadando, o pessoal ajudava...

E2: Você arrecadou dinheiro. Teve algum vereador lá de Belmonte que te ajudou?

R: Não. Era só os moradores daqui.

E2: Me diz uma coisa Marilene... Marilene isso... Bem, mas um pouquinho antes de 2000, quando o Humberto Barreto veio aqui, quando a Ceplac tomou conhecimento aí evidentemente que a secretaria de saúde da Bahia fez com que Belmonte ficasse responsável.

R: Sim aí...

E2: E aí saiu essa história de Eunápolis, como é que foi isso...

R: Não, aí...

E2: Sair de Eunápolis para...

R: Não, aí veio doutora Nilza.

E2: Ah! Por isso que a Dra. Nilza falou, eu estou falando...

R: (falam juntas) Não, mas...

E2: “Os meus casos foram os primeiros”. Eu falei: “Mas não pode ser doutora, você chegou aqui em 1980”.

R: Não, quando a doutora Nilza chegou aqui o negócio já estava tão *light* que ela chegou foi fazer treinamento, porque ela nem conhecia também, não é?

E2: Ela não conhecia mesmo não, ela falou que veio conhecer aqui.

R: Assim, todos os treinamentos que ela foi eu fui junto com ela, porque eu sempre briguei para que Barrolândia fosse diferenciado porque tinha muito caso, aí passava aquela história que nós vamos chegar lá. Aí foi quando a doutora Nilza veio que começou fazer os treinamentos...

E2: Então você não levava mais paciente para Eunápolis, levava para...

R: Não, aí...

E2: Levava ainda, ainda levava também. Olhe bem. Aí Dra Nilza tinha uma situação também, que ela era do município, o município não dava muita condição para ela trabalhar, aí eu consegui descentralizar Barrolândia de Belmonte, porque Eunápolis tinha mais facilidade de conseguir a medicação, às vezes aqui ó, o meu paciente tinha que tomar medicação hoje, aí vinha de Eunápolis para Belmonte...

E2: Pra vir para cá.

R: Pra depois de Belmonte dividir para depois vir para Barrolândia, aí já passava dois, três dias, aí aquilo já viu, eu ficava brigando... Brigava...

E2: Mas o certo era esse.

R: Mas eu brigava e aí eles não queriam...

E2: Barrolândia não pertencia a Belmonte...

R: Mas você já pensou?

E2: E Eunápolis... Não criava caso de você pegar o remédio lá não?

R: Não, porque não era municipalizado ainda.

E2: Ah ta. Está bom!

R: Não é? (rindo) Aí não tinha esse problema de hoje, que hoje é tudo municipalizado aí sim, aí tem os problemas, mas até aí não. Aí eu ia, a gente tem uma colega lá também, (nome) que era enfermeira desse setor, então ela já sabia, quando eu chegava com os meus pacientes, às vezes eu nem levava os pacientes escrevia tudo como é que estava, como é que não estava, se

estava tendo reação, se não estava, e aí ela já me dava, liberava a medicação, aí um dia antes deles acabarem a medicação eu já estava com a medicação deles. Aí não atrasava, não atrapalhava. Aí tá, aí foi essa polêmica, até... Chegou a municipalização aí já passou pra os agentes, não é?

E2: É. A municipalização criou a Saúde da Família.

R: Passou para os agentes de saúde, inclusive na época que tem assim os primeiros encontros em relação a municipalização que eu e a doutora Nilza, eu fiz parte durante o processo todo da municipalização.

E2: Você tinha a associação daqui de moradores.

R: Mais a Dra. Nilza. Como funcionária daqui, porque só tinha eu para falar alguma coisa, não tinha mais ninguém. (rindo) Então foi aí que ingressou a municipalização aí veio aquele... Aí foi quando veio o programa de agente comunitário que foi Eunápolis, aí a pessoa indicada que era eu para fazer... correr atrás para botar as pessoas para fazer inscrição. Era eu que fazia inscrição, era eu que levava essa confusão toda.

E2: E por que que quando implantou a unidade saúde da família você ficou meio em conflito com eles?

R: Porque realmente por isso, porque eu conhecia o problema de Barrolândia, eu conhecia o problema de Barrolândia, e aí quando as pessoas... chegar pessoas que não tinha nada e começou a mudar a forma de tratamento. Aí os casos de hanseníase ao invés de diminuir cresceu, aí às vezes a gente ia falar aí não dava certo. Aí primeiro foi o que, nem lembro mais. Eu sei que foi uma médica que teve aqui e eu fui falar com ela, disse: “Doutora, esse caso eu já conheço, nessa família já teve três casos...”

E2: A doutora Silvana?

R: Não, não cheguei a trabalhar com a doutora Silvana.

E2: Mas você conheceu a doutora Silvana?

R: Conheci, mas eu não trabalhei com ela não. A família... Foi assim, o que eu pude observar da hanseníase é que tinha assim, sempre tinha avô ou pai, aí passava um bom tempo aí surgia um filho mais novo, depois um neto, e aí o que eu observei nesse tempo que eu trabalhei na hanseníase que a maioria dos casos de hanseníase era de família...

E: Familiar.

R: Familiar.

E: É.



R: Então assim todo encontro que eu ia eu batia nessa tecla. Aí eles diziam assim, que Barrolândia não tinha saneamento básico, que eu acharia que era disso ia. E assim, jogava o lixo... Indo para Porto Central tem uma área assim que o lixo era...

E2: E a questão da prostituição, tinha muita prostituição.

R: Tinha. Mas isso... Eles constatavam de que a hanseníase o índice maior em Barrolândia era devido a vida financeira...

E: É.

R: Era a situação de...

E: De pobreza, de saneamento básico.

R: De saneamento básico.

E: De moradia, de hábitos, não é?

E: É. De hábitos.

R: Era isso que eles lamentavam.

E: De higiene.

R: Mas até aí até que eu discordo, sabia? Porque aqui a gente teve casos com pessoas...

E: É. Isso é...

R: Então aí eu discordava.

E: Tem pessoas que uma situação social mais elevada e adoecem também.

R: E sempre eu fui assim, quando eu tenho certeza que você quer um papel e quer branco eu vou ficar ali até que você me de o contrário.

E: Você está vendo que o papel é branco. Ta.

R: Então eu sempre fui essa pessoa assim. Então foi daí que os casos de hanseníase começou a chegar. Aumentaram em Barrolândia, e às vezes tinha casos, o povo confiava tanto em mim que às vezes tinha caso que nem era hanseníase, chegava lá no posto, às vezes era uma manchinha, uma besteira, a médica chegava passava um remédio, ali piorava a situação, porque ao invés...

E: O remédio para hanseníase?

R: É. Ao invés de matar algum...

E: Criava um outro problema.

R: Criava outro problema. Então foi daí que o próprio posto começou essa polêmica comigo do remédio. O que aconteceu foi que veio médico?

E2: Não, eu me lembro que ela falou... Quando eu estive aqui você falou que eles sumiram com os prontuários...

R: Sumiu tudo.

E: Que de uma formação do posto e que os prontuários antigos que via que eles não estavam considerando.

R: Não consideravam.

E2: Porque chegou médico, chegou enfermeira formada... Entendeu? E ela era acostumada a ficar sozinha.

E: Ela tinha o olhar dela... Estava treinada e aí acontece o que ela falou, conta aí para ela, um conflito, não é? Do...

R: Aí o povo...

E2: Você lembra que você me levou muitos casos?

R: Lembro.

E2: Que eu fiz uma campanha aqui diagnosei 30 casos. Você lembra disso?

R: Lembro.

R: Aí de noite lá e você levando gente para mim, levando gente... (rindo) Ela levava. Os agentes que nós treinamos ela levou 17 agentes numa Kombi. Então nós fizemos treinamento lá em Belmonte, na Maçonaria de Belmonte, e aí no dia seguinte, isso foi uma sexta feira, no dia seguinte viemos pra cá para fazer a campanha.

R: Eu ainda tenho aquele materialzinho todo guardadinho.

E2: Da campanha?

R: Lá do treinamento.

E2: Olha, quando cheguei aqui eu fiquei abismada porque esse pessoal começou a me trazer gente, família, e ela... Então eu sentei na cadeira 8 horas da manhã e sai 8 horas da noite.

E: Nossa!

E2: Mas de 30 casos de hanseníase diagnosticamos num dia aqui.

R: É o que eu estava falando para ela que o próprio povo, como eles confiavam em mim, teve um médico aqui que passava medicação que eles não tinham hanseníase, aí vinha aquelas reações horríveis, não é? Aí chegavam lá no posto: “Marilene, eu não vou tomar esse remédio”. Aí quando eu ia fazer os testes que eu sabia, não é? Tudo era negativo, não tinha nada de positivo. Aí o que eu fazia, ligava para a doutora Rosa.

E2: Você acha que teve muitos casos, mas muitos não era hanseníase.

R: Não era hanseníase. Como foi aquele oba, oba da Veracel, toda vida eu digo... Aí (risos) Porque chegavam assim os médicos, tinha muita verba, não é? A Veracel.

E: A Veracel.

E2: Só contratou a Silvana, não foi?

R: Não, mas tinha muita verba.

E2: Mas não contratou muita gente para cá não.

R: Menina esse povo...

E2: (fala junto) Foi só a Silvana e um médico...

R: Lá em Eunápolis tinha uma sala exclusiva só da auxiliar de doutora Silvana, era com carro locado, era motorista, era não sei o que...

E2: Ah tinha realmente um carro.

R: Tinha. Tinha muita coisa. Então o que acontece, esse povo chega quer fazer oba, oba. Quer crescer, não é? E a Veracel estava chegando, a Veracel... Aí quando foi um dia eu tive oportunidade de conversar com o secretário de saúde da Veracel, aí eu disse a ele: “Olha isso tudo é oba, oba, não precisa nada disso, o que tem que fazer não está sendo feito”.

E2: Eliminar o contágio na família.

R: Não é?

E2: Fazer BCG na família.

R: O prefeito aí não deixou mais eu trabalhar. (risos)

E2: Qual era o prefeito?

R: O prefeito é ele.

E: Esse daí mesmo?

R: É.

E2: E você se aposentou?

R: Já. Eu estou tirando a licença. Aí o ano passado eu passei um bom tempo em Eunápolis, aí me deram uns cargos lá, aí eu não me adaptei com esse negócio de estar olhando colega, todo mundo com 30 anos de estado, 25 anos, ninguém vai mudar ninguém... (risos)

E: Muda não.

R: Aí então a diretora nova, eu digo: “Doutora (nome) eu sinto muito, mas eu vou para meu Barrolândia, não fico aqui de jeito nenhum”. Aí o prefeito também como já era municipalizado ele não quis assinar minha transferência, aí eu voltei para Barrolândia e fiquei aqui.

E2: E você não faz nada? Mas você ganha salário?

R: Ganho. Aí eu estou tirando a minha licença. Eu tenho um ano de licença prêmio, um ano e três meses, mas eu estou tirando aí eu estou tirando que é para mim me aposentar, porque eu deixei de ser vereadora por causa da aposentadoria.

E: E você aguarda a aposentadoria.

E2: Você foi vereadora pela segunda vez.

R: Fui, fui.

E2: E agora não é mais vereadora?

R: Não, aí eu não quis mais.

E2: É? Deixa eu falar uma coisa... Agora vamos falar um pouco da questão com os pacientes, vamos falar das histórias das pessoas agora, falamos de como foi a relação dos pacientes com o sistema de saúde, mas como foi a relação das pessoas com suas famílias, como foi antes e como é hoje na cidade.

R: Dos pacientes hoje... Não, hoje já está bem claro, não é? Tinha muita rejeição no início, era tanto que assim quando surgiu era uma rejeição, isso eram aqueles comentários... Mas eu já tinha sido orientada o que eu fazia e o que não fazia, e aí consegui centralizar a coisa e ficar todo mundo bem, não é? O pessoal quando via uma mancha já corria lá para mim ver o que

era, se aquilo era hanseníase, que tinha pessoas que falavam: “A lepra”, não é? Aí quando fala lepra tem aquele impacto, não é? Aí eu sentava, explicava.

Porque o Luis ele tinha uma atenção tão grande comigo, que depois que terminava o seminário todo ele: “Senta aqui”. Aí dizia: “Ó, se surgir isso aqui, aqui, assim e assado, isso aqui, você faz assim, manda para mim, liga para mim”. Precisava de ver, a maior atenção. Então tudo isso aí eu fui aprendendo.

Aí tá. Aí o pessoal começou a acostumar com a doença. Aí o problema foi bem mais light como diz a história...

E2: Você acha que hoje é light aqui?

R: Ó, eu não sei se realmente estão buscando os casos ou...

E2: O que você acha do preconceito assim...

R: Não, hoje não tem.

E2: Porque você tem vizinho com hanseníase... Essa rua tem uns três, quatro casos.

R: Tem.

E2: Toda rua aqui tem um caso.

R: Tem, toda rua.

E2: Aqui não tem uma rua que não tenha um caso de hanseníase.

R: Toda rua.

E2: Então se as pessoas foram discriminar, vai ficar discriminando vizinho, primo, o compadre não é isso, você acha que isso não existe mais, que ninguém discrimina?

R: Você sabe qual era o alvo disso tudo? Era eu mesma.

E2: Como?

R: Porque quando eu chegava para eles eu não tinha... Eu já tinha me acostumado com aquele sistema (risos) bacilo...

E2: Ah, como você não tinha medo e lidava com todo mundo você acha que você contribuiu.

R: Eu chegava, eu beijava, eu abraçava, eu... Sabe? Então eu demonstrava para eles...

E2: E você mesma nunca adoeceu.

R: Graças a Deus! Na minha família...

E2: Na sua família ninguém?

R: Ninguém. Graças a Deus!

E2: Que bom, não é?

R: Eu aí contava essa história para eles...

E2: Eu também, 30 anos que lido com hanseníase, até hoje com pessoas infectadas e nunca adoeci também.

R: Não é Deus que não permite?

E2: É.

R: Então eu vou direto mesmo. Aí ta, eu tive um caso na minha família da minha irmã.

E2: Na Teixeira de Freitas a atendente de hanseníase eu cheguei lá ela estava com hanseníase multibacilar.

E: É.

R: Eu tive o meu cunhado, esse que eu falei que levou o caso da hanseníase...

E: Para Maçonaria.

R: Ele teve. Ele era...

E2: Lá eu Eunápolis?

R: Ele era professor de educação física.

E2: Lá.

R: Lá em Eunápolis.

E2: Em Eunápolis tem muita hanseníase.

R: E quando assim veio descobrir, quando eu cheguei lá que ele era bem moreno, aí eu vi ele assim com umas plaquetas assim diferente, eu disse: “Valter que placas é essa no seu corpo?” Aí ele me mostrou tinha umas quatro manchas assim, aí eu pedi a minha irmã para levar ele para doutora Rosa, chegou lá era.

E2: Doutora Rosa ainda está viva lá?

R: Está.

E: Qual o sobrenome dela, é Rosa de que?

R: Aí meu Deus!

R: Eu conheci ela lá, porque eu já tive lá.

R: Ela trabalha num posto lá na (sigla)

E: Não sabe o nome dela não?

R: Maria Rosa, não lembro mais.

E2: Eu conheci ela, porque eu fui lá conheci os médicos, tirei até uma foto com eles. Quando eu fiz campanha aqui eu fui lá também, mas depois o Humberto Barreto participou comigo, inclusive lá. Deixa eu te falar outra coisa, mas não teve nenhum caso dramático, nenhum caso de rejeição que te deu trabalho?

R: Não.

E: Diagnóstico,

E2: De sofrimento, de pessoas que sofrerem.

R: Sofrimento teve muitos, teve muitos. Eu tinha um paciente mesmo que ele, ele queimou o pé. Ele já tinha até caído, a hanseníase dele estava um caso... E ele...

E2: Bebia.

R: Bebia. E quando ele caía mesmo ela ia lá atrás de mim: “O Marilene me ajuda”. Aí eu dizia a ele: “Seu Valter...” Esse paciente sumiu, não sei se ele morreu... “O senhor sabe que o senhor não pode beber, o senhor sabe que o senhor não pode estar trabalhando com coisas de material que corta que o senhor não vai sentir”. Aí ele chegou a queimar o pé. Ele caiu no fogo, eu acho que bêbado, não é? Ele caiu no fogo aí esse pé dele...

E2: Deu muito trabalho.

E: Nossa senhora!

R: Muito trabalho. Ele tirava assim os pedaços e ele nem sentia nada, já caía mesmo e ele não sentia.

E2: Osteomielite que teve. E não amputou o pé?

R: Não. Não amputou.

E2: Preferível amputar do que ficar caindo os pedaço (sic).

R: Mas...

E2: Que vai subindo a infecção. Não é?

R: Mas, menina, eu acho que ele, a cachaça era tanta que não deixava ele nem...

E: Ele nem sentia nada, eu acho. (risos)

R: Foi esse caso e teve também uma menina que morava ali, eu acho que morava perto de Cleuza ali, ela também era assim, ela começava... Foi tanto que a primeira criança...

E: Eu ia perguntar isso, qual foi a pessoa mais jovem que você atendeu, que você identificou?

R: Então, teve a criança dela.

E2: Tinha que idade?

R: Eu acho que não tinha um ano não.

E: Ah!

R: Menos de um ano. E lá no posto tinha a ficha dessa criança. Aí...

E: A criança tinha menos de um ano de idade?!

R: Tinha menos de um ano.

E2: Ah muitos anos, há muitos anos?

R: Tem. Agora...

E2: Eu diagnostiquei criança quando eu vim aqui, 4, 6 anos.

E: É?

R: 4, 6 anos foi muitos, não foi?

E2: Muitos.

R: Muitos. Mas essa ela estava grávida e ela tinha a virchowiana, e ela não fazia o tratamento certo, o irmão dela já tinha também, e ela bebia muito também. Ela era bem morena. Ela também já estava assim com uma sequela horrível no pé, aí ela ficou grávida. E nessa gravidez ela chegou a ter a criança e a criança depois apareceu.



E2: Mas também ela não tratava direito, não é?

R: Não.

E2: Ela tinha a doença ativa quando teve o neném, não é? E hoje o que você acha? A Veracel... Eu vi a cidade está um pouco diferente, não é? E você acha que está muito mudada a cidade com a Veracel?

R: Mudou muito, mudou muito. A Veracel ajudou muito, inclusive assim de dois anos, três anos para cá, porque assim a verba a Veracel na época inclusive que eu fui vereadora, na época que você esteve aqui não tinha aquele hospital... Tinha?

E2: Não, estava construindo.

R: Não, tinha. Então foi na minha época de vereadora. Aí a gente conseguiu ambulância, a gente conseguiu terminar aquele hospital... Como é que diz? Tinha uma equipe médica que a Veracel é que mantinha esses aqueles médicos aí que foi quando a doutora Silvana, era os médicos que era o doutor Raimundo, e a Veracel terceirizou e a gente trabalhava com esse pessoal. Então tinha médico 24 horas, e também tinha no posto. Eu acho que o que dava plantão, tinha médico 24 horas. Eu acho que dava plantão ia para casa no outro dia seguinte voltava e servia no posto. E aí doutor Raimundo fez essa equipe, era uma equipe boa mesmo médica, que era enfermeiro e tudo, auxiliares... Aí depois – dizem, não é? - Que o prefeito não... Eles convidaram, a Veracel convidou a secretaria de saúde para uma reunião para renovar o contrato.

E2: E a secretaria não quis.

R: E a secretaria não quis.

E2: É por conta que a Veracel também pede muita coisa em troca, e...

R: Mas é aquela coisa, por exemplo, essas coisas que aconteceram aqui em Barrolândia...

E: Mas ela deu dinheiro para a Fiocruz da Bahia.

R: O que aconteceu, o que aconteceu aqui esses calçamentos, esse negócio todo cresce, o que aconteceu? Na nossa época que eu fui vereadora, nós não aceitamos que os prefeitos pegasse (sic) a verba. Que a parte que tinha que ser para Barrolândia teria que ser distribuída em obras, então por isso que a gente tem rede de esgoto, a gente tem o calçamento. Foi daí que veio as coisas. E já essa outra gestão, essas outras gestões de dois mandatos de Iedo, não teve mais nada, se você chegar aqui e perguntar o que o prefeito fez aqui até hoje nada.

E2: Nada.

R: Todo mundo vai dizer nada. Agora pro resto a Veracel parece que doou mais duas ambulâncias.

E2: Pra cá?

R: Mas fica aí. É um pessoal destreinado, não são não é...

R: Quem é o diretor do hospital aqui?

R: É a menina, (nome) que nunca nem soube o que é saúde, está lá, estão não.

E2: Não é da saúde não?

R: Não.

E: É tudo político.

R: É tudo cargo político.

E: Tudo cargo político.

E2: Ela é filha de vereador?

R: Não, mas o pessoal é bem influente.

E: Entendi.

R: Aí aquelas meninas mais antigas que tinha lá que trabalhava comigo na época tiravam todo mundo, tinha uma menina mesmo, Evita, que tinha até estabilidade, eles tiraram a menina, não sei... E aí acabou. Hoje assim se você me perguntar o que estão acontecendo na saúde eu não sei.

E2: Tem algum desses...

R: A gente fica até com medo de ter acesso ao pessoal e depois prejudicar eles, não é? Porque pode acontecer, aí eu me afasto, não vou nem lá.

E2: Deixa eu te contar Marilena... (risos)

E: Que coisa!

E2: Por isso que foi difícil chegar até ela.

E: É. (risos)

E2: Mas tudo bem, então Marilene o seguinte, me fala desses pacientes mais antigos para a gente pudesse entrevistar.

R: Ah, esse mais antigo é difícil, eu acho que ele não mora mais aqui não.

E2: Alguém que você...

E: Não desses mais antigos não precisa ser um especialmente.

E2: É. Ela falou desse que vai chegar...

R: Tem uma também que morava lá perto dos postos, que ela era bem antiga, mas ela nem está morando aqui, ela mora em Eunápolis, tem muita gente que foi morar para Eunápolis.

E2: Com quem você acha que seria interessante fazer uma entrevista...

E: Por que você acha que eles foram embora para Eunápolis.

E2: Não, trabalho.

R: Foi devido assim também, em relação a saúde, não é? Que lá tem mais facilidade.

E: É. Hum, hum.

E2: Que foram tratar lá, não é?

E: É. Aí fica.

R: Você fez o seu... Nem recurso. Não adianta...

E2: Muitas vezes vai para lá. Mas me diz uma coisa, mas vê alguém que você pudesse nos apresentar, porque a menina, a Cleuza, a agente, ela falou desse senhor que é aqui nessa rua, ela estava falando de uma outra pessoa que é sua vizinha aqui, que são diagnósticos mais recentes...

E: A gente pode...  
(Falamos as três muito baixo – difícil transcrição)

E2: Não, uma que é Raimunda...

R: Então... (inaudível)

E2: A doença dela? Que ela disse que demorou para descobrir que era hanseníase. Ela está bem?

R: Está. Não, ela cuidou direitinho, sarou.

E2: E ele tem mais alguém na família?

R: Não, até agora, porque a família dela também é pequenininha, que a gente sabe não tem não.

E2: Deixa eu te falar uma coisa. Você acha... você acha, porque hanseníase ela e...

R: O melhor é Epaminondas que é agente comunitário.

E: O Epaminondas eu falei com ele o ano passado.

E2: Ela já falou. O Palminondas tem na família, tem com hanseníase, na família dele tem alguém?

E: Eu acho...

R: Não, parece que não. Teve uma suspeita.

E: Tinha um cunhado dele, não? Ou foi suspeita?

R: Foi suspeita.

E: Foi suspeita. Ta.

E2: Mas deixa eu falar uma coisa, hanseníase ela é de transmissão, a família tem mais suscetibilidade, principalmente pai, mãe e irmãos, então se você teve pai com hanseníase você tem suscetibilidade, então se você tiver contato com uma pessoa de hanseníase, também se você tiver contato você não vai adoecer, mas se você tiver o contato você vai adoecer... Tem mais chance de adoecer que outra pessoa que mesmo tendo contato com você não tenha o pai com hanseníase, não é? Então você mostra que você não tem boa resistência. Mas se você tem uma suscetibilidade mais ou menos, tem contato muito íntimo por muito tempo você também pode adoecer. Então você acha que alguma pessoa... Vamos pegar esse exemplo aí do agente de saúde, ele lidou muito com hanseníase, poderia ser uma fonte? Poderia, mas aí ele teria que ter também suscetibilidade, ele tem um problema dele, ele tem uma tendência a ter hanseníase, além de ter muito contato...

R: Agora não cortando...

E2: Outra coisa – Só completando - Outra coisa são contatos muito íntimos, então se uma pessoa vai lá, transa, o que a gente vê é o seguinte, as esposas adoecem menos, as esposas e os esposos, cônjuges, quem é casado com a pessoa que tem hanseníase, adoecem menos do que o pai, a mãe, ou o irmão dessa pessoa, mas ela adoecem mais do que o tio, ou igual ao tio, igual primo, entendeu? Ela adoecem também.

R: É, como eu estava falando...

E2: Então você acha que isso, você tem algum exemplo aqui que você lembra disso que você poderia explicar?

R: Tem esse menino que... (Interrupção pedindo a Rita para chamar a Raimunda). Eu vou tentar lembrar o nome dele, seu Osvaldo, ele teve ficou ruim... E ele parece que teve 3, ou 4 casos na família dele. Filha, neto.

E2: E antigo?

R: Antigo.

E2: E é de fora daqui?

R: Não, eles eram do Rio.

E2: De onde vinham essas pessoas que adoeceram?

R: Normalmente a gente conhecia via na beira do rio, das roças por aí.

E2: E desse pessoal que veio trabalhar na Serraria?

R: Não, não teve... Depois que acabaram com as serrarias foi que surgiu...

E2: Mas as pessoas adoeceram antes. A hanseníase você sabe que demora muito a aparecer.

R: Mas é isso que eu estou dizendo, quando tinha a serraria...

E2: Casos como essa menina aí é muito raro... E é um caso falso bacilar, os casos multibacilares demora muito tempo.

R: Demora.

E2: Tem gente mais de 10 anos.

R: Mas as serrarias é como eu estou te falando, na época, eu não sei se é porque a gente não conhecia o processo da hanseníase ou porque às vezes mesmo não apareceu ninguém.

E2: Mas a Serraria trouxe muita gente para cá?

R: Não, não trouxe muita gente. Era gente daqui mesmo.

E2: Que trabalhava?

R: Que trabalhava. O que vinha de fora com essas serrarias eram os donos, era o gerente.

E2: Você acha que esses...

E: Mas quem trabalhava era o pessoal daqui.

E2: Eram pessoas daqui.

R: Eram daqui. Mais daqui. Você indo para Belmonte...

E2: Porque dona Vitória você falou que não era daqui, que ela era de...

R: Não, mas eu conheci dona Vitória aqui, depois a gente chegou a conclusão de que ela não era daqui.

É. (Interrupção – chega a Raimunda) Você conhece alguém que teve hanseníase?

R2: Não.

R2: O seu Elias, não mora mais lá.

R: Você quer ver eu vou dar um exemplo aqui que Cleuza não falou (inaudível), mas vizinho a seu Elias tem um menino, eles eram três pessoas em casa, o pai, a filha e o filho e todos três teve. Ele na época não aceitou, ele era resistente ao tratamento, e terminou assim ele foi ficando debilitado, debilitado, apareceu outras doenças e terminou que ele foi a óbito, e o menino...

E2: Que idade ele tinha?

R: Ele tinha eu acho que 45 anos.

E: Nossa, novo! Demais!

R: E o filho, e a menina também teve, chegou a fazer tratamento, depois abandonou, depois... Agora recente, outro tempo aí, um ano e pouco, aí eu passando vi esse menino aí eu chamei ele, aí ele disse que é reação, não é? Aí ta... Mas ele ainda bebe ainda.

E2: E o seu Elias é vizinho dele?

R: Vizinho dele.

E2: Seu Elias foi doente há muitos anos, não é?

R: É.

E: Ele pode ter se infectado...

E2: Agora o seu Elias, o seu Elias ele fez o tratamento certinho, não ficou sequela...

R: Quase não tem (inaudível)

E2: Mas eu acho que na época não, eu acho que a filha do seu Elias que era...

R: Que tinha.

R: Que era vizinha a ele. Seu Elias não era vizinho. Seu Elias era vizinho de uma outra. Foi o caso q eu lhe falei da menina... Que lá seu Elias vai dizer a história dela, da moreninha que teve o filho...

E: Sempre tinha um vizinho, não é?

R: Sempre tinha.

E: Então não é só sua família, a proximidade muito grande a pessoa quando tem intimidade a pessoa adoce, adoce, você adoce. Você está recebendo bacilo sempre adoce.

R: O que mais eu posso ajudar vocês? Aí hoje eu estou aqui aposentada, pode dizer...

E: Pode...

E2: Não, está aposentada com o seu restaurante.

E: É. Tocando a vida, não é?

R: É.

E: Obrigada viu Marilene pela entrevista, obrigada.

R: Assim mesmo...